

"ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO CÊNICO NO TEATRO NEGRO DE AIMÉ CÉSAIRE"

Mauro Luis Thobias

Filho de pais trabalhadores, nascido em Basse-Pointe (Martinica) a 25 de Junho de 1913, Aimé Césaire frequentou o liceu Fort-de-France, em sua terra natal, de onde saiu para prosseguir os estudos no Liceu Louis-le-Grand, em Paris. Foi durante essa permanência na capital francesa que teve a possibilidade de travar contato com Léopold Sédar Senghor e Leon G. Damas, ambos fundamentais na moldagem da personalidade artística de Césaire. A revista "L'Étudiant Noir" (1932) nasce desse encontro, e, logo em uma de suas primeiras edições, aparece o neologismo césairiano - négritude -, nome dado ao ato de aceitação, de reconhecimento e de orgulho do fato de ser negro.

Poeta e dramaturgo, Césaire busca mostrar em sua obra a essência do africanismo, como também coloca em evidência a triste realidade deixada pelos longos anos de colonização aos quais estiveram submetidos os países que formam as Antilhas. Com esse intento, Césaire concebe a trilogia da luta contra o colonialismo: Les

Chiens se Taisaient (1956), La Tragédie du Roi
Christophe (1963), Une Saison au Congo (1967).

Análise do prólogo de La Tragédie du Roi
Christophe

(Situação: briga entre dois galos sendo in-
centivada por grande multidão de fanáticos)

No Paratexto, A. Césaire descreve o ambien-
te:

"Um cercado redondo de piquetes delimitan-
do uma arena. É um terreiro de galos (lugar on-
de se desenrolam as brigas de galos, principal
divertimento popular do Haiti).

Multidão negra. Roupas azuis de campone-
ses. Atmosfera apaixonada e superaquecida."

Evidencia-se, nesse trecho, a intenção de
A. Césaire de passar em revista o Haiti (parti-
cularizado no texto) e as Antilhas de uma forma
geral. Para representá-lo buscou um espaço aber-
to: um terreiro de galos - lugar onde reinam a
tensão, a política de facção, o perigo constan-
te e sobretudo o jogo de interesses. Sendo aber-
to, atrai sobre si a atenção e a cobiça de ele-
mentos externos e também mostra-se pronto a re-
ceber a influência e a energia de fora. Dentro

desse espaço, encontram-se para a luta de morte os galos Christophe e Pétion, que sustentam até a fatalidade o embate pela hegemonia territorial. As duas aves são acessórios do espaço cênico e têm por função representar os dois líderes políticos do país, os quais lhes emprestam os nomes.

A multidão que os incentiva veste-se uniformemente com roupas azuis de trabalhadores rurais. Assim uniformizada, revela que todos os seus integrantes são frutos do mesmo passado que os escravizou, assim como são filhos da mesma realidade presente que os coloca à margem da vida. A cor azul de suas vestimentas, denotando a irrealidade, o sonho, acentua e corrobora o aspecto de passividade sobrehumana desse povo que se diverte enquanto vão caindo por terra os pilares da nação.

A função exercida por essa multidão dentro da dramaticidade é a de coadjuvante de um ou de outro combatente. Christophe e Pétion alternam as funções de sujeito e de oponente, conforme o ângulo de visão de seus torcedores. A vida, pela qual os dois galos lutam, é o objeto de apetição para ambos, e, em torno desse objeto, girará toda a ação da peça. Como árbitro dessa contenda encontra-se o "meneur du jeu", que ou-

torgará a um deles ou a um terceiro o prêmio da vitória.

Dentro do espetáculo, a relação da camada popular com um ou outro lutador nos é dado pela palavra. A multidão dividida revela ser partidária de Pétion ou de Christophe, utilizando gritos de incentivo:

"Vamos, Christophe! Vamos, Christophe!"

"Pétion, resista! Resista, Pétion!"

Consigo a palavra traz outros sistemas de signos. Unem-se a ela o tom, que oscila entre a paixão e o ódio total, súplica e zombaria. O silêncio do juiz da luta contrapõe-se às palavras e ao tom dos outros atores em cena. O responsável pela situação empresta à representação apenas a sua figura, manifesta-se apenas por gestos na intenção de animar a briga.

O gesto - embora não mencionado no paratexto - funciona, para a multidão presente, como extensão da fala. É de se supor que tamanha torcida leve a um certo exagero da gesticulação.

A expressão facial, agradável ou não, alterna-se juntamente com os momentos de felicidade ou de infelicidade de cada lutador.

A marcação, na prática, é própria dos dois combatentes: Pétion e Christophe. Ambos ocupam o espaço delimitado pelas estacas, dominando to

da a cena. Com isso, torna-se claro o papel de destaque dos dois políticos antagonistas dentro da nação haitiana, pois é do agir de cada um deles que a multidão retira seu prazer, não se dando conta de que a luta não é em prol de causa popular, mas sim de interesses esconsos.

Com a suspensão da ação no prólogo, logo após a morte de um dos lutadores, fica indefinido o ocupante da função de receptor do objeto desejado - o elemento que será favorecido pela situação final -, e que será posto à luz com o desenlace de todo o drama.

Para melhor compreender o que se passa tanto no prólogo como em todo o resto da peça, é necessário que tomemos como suporte um pouco da História - é o que o apresentador-comentarista faz. Conta-nos que após a luta pela liberação política da Ilha de São Domingos, na qual se encontra o Haiti, nasce "sobre as cinzas fumegantes de S. Domingos, uma república negra fundada sobre as ruínas da mais bela das colônias brancas". Após a morte de seu chefe, Dessalines, a nação passa a assistir a uma luta sangrenta entre Christophe e Pétion, herdeiros naturais dos ex-chefes mortos. Coexistiam na pequena ilha, então, duas porções inteiramente distintas: ao norte, um reino - onde Christophe

se fez imperador; e ao sul, uma república - da qual Pétion se fez presidente. Os esforços de ambos se ordenam com vistas a conseguir o domínio de uma parte sobre outra.

Munidos dessas informações, podemos visualizar o quadro final da situação dramática de toda peça. Com a morte de um dos galos, é o incentivador da luta que recebe os lucros do grande massacre. No momento em que outorga o cetro da vitória ao vencedor, vai preparando o suposto vitorioso para novos combates, simultaneamente. Haverá sempre forças em ascensão e forças em decadência que permitirão ao explorador lucros desmesurados. Essas forças estarão sempre ocupando a casa do sujeito e a casa do oponente, enquanto que ao povo restará a triste situação de assistir a tudo passivamente. Mais do que coadjuvante de qualquer um dos lutadores, o povo torna-se fiel defensor dos interesses do árbitro/incentivador da luta que é, ao mesmo tempo, o grande receptor do bem desejado.